

Cinema e educação: o uso de filmes na escola

Movies and education: the use of films in school

Cine y educación: el uso del cine en la escuela

Josineide Alves da Silva¹

¹Graduada em História pela Universidade Estadual de Maringá. Mestre em Educação pela Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE), Presidente Pudente – SP. Atualmente, é Professora da Escola Estadual “Florivaldo Leal” – Presidente Pudente – SP. E-mail: jodasilva1950@hotmail.com.

RESUMO

O objetivo geral foi o de contribuir para o aprimoramento das formas didáticas de construção de leitores completos de filmes. Os objetivos específicos foram descrever e analisar a “Situação de Aprendizagem – 3”, intitulada A Guerra e O Cinema, inserida no Caderno de Atividades Discentes do Ensino Médio do Currículo Paulista, na Disciplina de História, Vol. 2, 3ª série (MICELI & FINI, 2010), para verificação da adequação/inadequação das sugestões metodológicas propostas, para a recepção de filmes, em especial o “Rapsódia em Agosto”, de Akira Kurosawa. Para esta descrição e análise do material selecionado, optou-se pela pesquisa qualitativa. A revisão literária permitiu a identificação de conceitos básicos em Semiótica, Educação, Cinema e História que enfatizaram a natureza ideológica e estética dos filmes e a importância do reconhecimento valorativo desta natureza dupla do cinema na formação do leitor/espectador. Como resultados, reconheceu-se o valor do Currículo no uso do filme como um material pedagógico, mas constatou-se que inexitem, nele, atividades que conduzam os receptores (alunos) e também os docentes (mediadores do trabalho) à leitura necessária dos signos selecionados e combinados pela produção para a veiculação das mensagens conteudísticas do filme.

Palavras-chave: Educação. Cinema. Formação de Leitores.

ABSTRACT

The overall objective was to contribute to the improvement of teaching forms of construction of full readers of movies. Specific objectives were to describe and analyze the "Learning Situation - 3", entitled War and Cinema, inserted in "Caderno de Atividades Discentes do Ensino Médio do Currículo Paulista", in the subject of History, Vol 2, 3rd grade (MICELI & FINI, 2010), to check the adequacy/inadequacy of methodological suggestions proposed for the reception of films, especially "Rhapsody in August", of Akira Kurosawa. For this description and analysis of the selected material, we opted for qualitative research. The literature review helped to identify basic concepts in Semiotics, Education, Movies and History that emphasized the ideological

and aesthetic nature of the films and evaluative importance of recognizing this dual nature of in the formation of the reader/viewer. As a result, it recognized the value of the Curriculum in using film as a teaching material, but it found that not exist in it activities leading receivers (students) and teachers (mediators of the work) to the required reading of selected signs and combined by production for the broadcasting of content messages in the movie.

Keywords: Education. Cinema. Training Readers.

RESUMEN

El objetivo general es contribuir al mejoramiento de las formas didácticas de construcción de lectores completos de películas. Los objetivos específicos fueron: describir y analizar la "Situación de Aprendizaje - 3", titulado "La guerra y el Cine, insertada en el Libro de Actividades de Estudiantes de la Enseñanza Mediana del Currículo Paulista, en la disciplina de Historia, Vol 2, 3ª serie (MICELI y FINI, 2010), para comprobar la adecuación/inadecuación de las sugerencias metodológicas propuestas, para la recepción de películas, en particular la "Rapsodia en Agosto", de Akira Kurosawa. Para la descripción y análisis del material seleccionado, se optó por una investigación cualitativa. La revisión de la literatura permitió la identificación de los conceptos básicos en Semiótica, Educación, el Cine e Historia que hicieron hincapié en la ideológica y estética de las películas y de la importancia del reconocimiento valorativo de esta naturaleza doble del cine en la formación del lector/ espectador. Como resultados, se reconoció el valor del Currículo en el uso del cine como un material didáctico, pero se constató que no existen, en él, actividades que llevan los receptores (estudiantes) y también a los profesores (mediadores del trabajo), a la lectura necesaria de los signos seleccionados y combinados por la producción para la vehiculación de los mensajes de contenidos de la película.

Palabras clave: Educación. Cine. La formación de lectores.

Introdução

A relação do cinema com a educação brasileira, segundo Leite (2005), data desde os anos de 1920. Este foi um período em que produções cinematográficas foram identificadas por educadores como “um potencial educacional” e passaram a admitir a sua introdução nas escolas por meio de projetos educacionais. Sua utilização se estendeu por todo o século XX, sob diferentes processos metodológicos e planos educacionais que orientaram o ensino-aprendizagem no Brasil.

Na atualidade, o acesso a produções cinematográficas, se popularizou intensamente, em virtude do uso televisivo na maioria das residências deste país. As vídeo-localadoras, os baixos custos de alguns filmes, os frequentadores de cinemas e os

downloads, por exemplo, são algumas das formas de aquisição e recepção de um filme pelo espectador.

Conforme Franco (2005, p. 35), a influência das mídias (dentre elas, podemos destacar o cinema/filme) na formação da personalidade de crianças e adolescentes ocupa, hoje, mais espaço escolar e exerce o papel de agente que interfere na sociedade ao ditar valores, costumes, linguagem e tantos outros elementos. Assim, as mídias podem ser instrumentos a serviço da educação, pois “as mídias audiovisuais, sejam elas tradicionais ou interativas, têm um papel fundamental como veículos catalizadores para a construção de conhecimento”.

O Uso de Filmes na Escola

Este texto procura analisar o uso de filmes na escola como um documento cultural/ideológico e uma linguagem para o ensino, destacando algumas possibilidades de leitura e uso do mesmo em sala de aula. Trevisan & Crepaldi (2009, p. 186) mencionam que “a linguagem audiovisual é bastante atraente e pode produzir experiências diferenciadas e enriquecedoras na sala de aula” e que o papel da escola é “formar a competência leitora dos alunos, tornando-os cidadãos com maior senso crítico”. Nesta mesma perspectiva, Napolitano (2009, p. 20) destaca duas formas que considera “instigantes e desafiadoras”, para o uso do cinema na escola. Estas são:

- O filme pode ser um “texto” gerador de debates articulados a temas previamente selecionados pelo professor.

Esta abordagem pode ser mais adequada no trabalho com os Temas Transversais: cidadania, meio ambiente, sexualidade, diversidade cultural, etc. Em princípio, todos os filmes – “comerciais” ou “artísticos”, ficcionais ou documentais – são veículos de valores, conceitos e atitudes tratados nos Temas Transversais, com possibilidade de ir além deste enfoque. Neste sentido, o cinema é um ótimo recurso para discuti-los (Napolitano. 2009, p. 20).

Conforme relata o autor, o filme, analisado como um texto gerador de debates, se respalda no plano contedúístico voltado para as discussões temáticas que este sugere. Mas

o tema, segundo ele, é apenas o ponto de partida para o estudo de sua relação com a linguagem da produção fílmica. Nessa perspectiva teórica, o professor pode destacar outras possibilidades que vão além da leitura do tema apresentado no filme; por exemplo, a observação necessária da linguagem construída pelo produtor do filme, seus modos de produção simbólica, para a veiculação estética e ideológica do conteúdo temático.

O fato de ser tratado como um texto gerador não isenta o professor de problematizar o tratamento – estético e ideológico – que o filme desenvolve sobre os temas a serem debatidos. Os filmes, como qualquer obra de arte, comunicam e perturbam o espectador mais pela maneira, pela forma como os temas são desenvolvidos, do que pelos temas em si. Por isso, os vários aspectos da linguagem não devem ser menosprezados: os ângulos e enquadramentos da câmera, o tipo de interpretação imprimida pelos atores, a montagem dos planos e sequências, a fotografia (texturas e cores da imagem que vemos na tela), enfim, a narrativa que conduz a trama (NAPOLITANO, 2009, p. 20).

Neste sentido, a leitura de um filme, tendo como referência uma análise estética e ideológica, significa educar o olhar do leitor (aluno) para uma formação competente na leitura dessa linguagem audiovisual. Segundo Trevizan & Crepaldi (2009, p. 168 e 170) “a leitura dos textos visuais é rica em complexidades ideológicas e estéticas e não pode ser reduzida a uma abordagem superficial de seus conteúdos literais”. Assim, a cultura estética e ideológica de um filme favorece a formação de um leitor completo, pois a linguagem visual constitui, conforme as autoras citadas, “um objeto cultural a ser decifrado por um ser social competente, bem informado, sintonizado com o repertório enciclopédico do autor (do texto), ativado no momento da criação”.

Outra forma de relevância do filme na formação de leitores críticos está, segundo Napolitano (2009), no fato de este ser identificado como um “documento” e analisado como um “produto cultural e estético”, respaldado por “valores, conceitos e representações da sociedade”. Sendo assim, o autor ainda argumenta:

O trabalho com o filme, visto como documento cultural em si, é mais adequado para projetos especiais com cinema, visando à ampliação da experiência cultural e estética dos alunos [...]. Este é um dos importantes papéis que a escola pública pode ter, pois, muitas vezes, será a única chance de o aluno tomar contato com uma obra cinematográfica

acompanhada de reflexão sistemática e de comentários, visando à ampliação do seu repertório cultural [...] e estético (2009, p. 20 - 1).

Pela análise, proposta por Napolitano para o uso de filmes em sala de aula, foi possível constatar que qualquer disciplina pode utilizar este tipo de arte como um instrumento didático-pedagógico; seja como texto gerador de debates como documento representativo de sua produção histórica pautado em valores e ideologias determinadas por um contexto social, seja, como um produto cultural, estético, de valorização da Arte. Deste modo, todo filme, seja um documentário ou uma ficção, é resultado de decisões e indagações contextuais de seus idealizadores; assim, é um objeto que resulta de uma produção cultural coletiva e, como tal é passível de observação e questionamentos.

Trevizan (2002, p. 105) também argumenta sobre a leitura dialógica do conteúdo e da linguagem dos filmes:

Na recepção de um texto fílmico, por exemplo, o espectador deve preocupar-se com a descoberta da criatividade na produção interna do filme, ou seja, deve voltar-se para a tarefa de identificação da perfeita correspondência estabelecida entre a linguagem construída e a informação e/ou história transmitida. Para tanto, é preciso atenção especial do espectador não só para os fatos contados, mas sim para os processos estratégicos (do criador) de seleção e combinação de determinados signos (verbalizações, sons, objetos, cores, formas, movimentos, gestos e etc.) na montagem do filme (2002, p. 105).

Assim, o trabalho com filmes na sala de aula requer, segundo Napolitano, critérios de análise e estudo temático direcionado, para que esteja definido o ponto de partida e as possíveis conclusões das atividades a serem desenvolvidas. Sendo assim, é importante que o educador sistematize alguns questionamentos conforme problematiza o autor:

O que eu quero com esse filme? Em que essa atividade se relaciona com o conjunto da minha disciplina e da área curricular? Quais são os limites e as possibilidades que essa atividade tem para o grupo de alunos em questão? Ao longo do ano, que outros filmes poderiam ser trabalhados de acordo com a orientação? Além desses procedimentos tão óbvios quanto importantes, o professor deve pensar o filme dentro do seu planejamento anual, de acordo com a Proposta Curricular oficial em consonância com a Proposta Pedagógica da Escola e seu Plano de Ensino (2009, p. 22 - 3).

É fundamental considerar as indagações e procedimentos sugeridos acima. Cabe, ainda, acrescentar outras questões, também mencionadas por Napolitano, como referência para ampliar e melhorar o repertório de questionamentos na análise de um filme na escola:

Qual o uso possível deste filme? A que faixa etária e escolar ele é destinado? Como vou abordar o filme dentro da minha disciplina ou num trabalho interdisciplinar? Qual a sua contribuição na relação ensino-aprendizagem? Qual é o objetivo didático-pedagógico geral da atividade? Qual é o objetivo didático-pedagógico específico da atividade? (2009, p. 19 - 20).

Questões como estas auxiliam o educador a utilizar a linguagem fílmica na sala de aula, de modo a incentivar os alunos a construírem habilidades específicas, modos de ver e de ler imagens em movimento, interpretar a linguagem fílmica, compreender a narrativa e o desenvolvimento da história. O filme, na sala de aula, pode, ainda, enriquecer o contato com textos escritos e leituras mais complexas, possibilitando, também, a construção de conhecimentos e a sedimentação cultural de conceitos já convencionalizados. Assim, se expressa Fusari:

[...] Fica assim traduzido o caráter de intencionalidade e a sistematização do ensinar e aprender. E é para isso que as escolas existem. No caso em questão, ou seja, a utilização dos filmes, os educadores podem propiciar situações de espaço-tempo de ensino para que os educandos adquiram e desenvolvam conhecimentos, atitudes, habilidades, isto é, saberes constitutivos para uma aprendizagem de cidadania pautada pela consciência e prática de direitos e deveres, na perspectiva do bem comum, além de facilitar vivências culturais diferenciadas (2009, p. 37).

Definidos alguns aspectos referentes à leitura e possíveis questionamentos para trabalhar no processo de recepção de um filme em sala de aula, faz-se necessário observar as orientações para o trabalho com os filmes no ensino médio.

Neste sentido, Fusari (2009, p. 37) declara que é preciso “conceber a utilização do filme em sala de aula como uma mídia a serviço da educação do jovem e do adulto que frequenta o Ensino Médio”. Assim, a experiência curricular precisa ser significativa, pois as

possibilidades da linguagem cinematográfica são variadas e intensas, por materializarem nos filmes uma diversidade de temas, lugares, períodos, culturas e tantos outros elementos que podem ampliar o desenvolvimento de habilidades diversas, dentre elas, a leitura e a escrita dos alunos deste nível de ensino.

O referido autor menciona ser importante “o lidar com o antes/durante/depois do uso da linguagem cinematográfica”. Nesta direção, sugere:

Antes da projeção

- Assistir ao filme selecionado antes da experiência com os alunos, planejando sua abordagem numa determinada situação, prevista no seu plano de curso e/ou aulas, garantindo, porém, espaço para as manifestações criativas que o filme poderá provocar.
- Sensibilizar a classe sobre a importância da utilização de filmes no contexto do currículo escolar em ação, estabelecendo distinção entre a experiência na esfera privada (casa, cinema, clubes, etc.) e a experiência escolar, ressaltando que neste último caso a oportunidade de explorar aspectos da ciência e do pensamento pode trazer ganhos para cada um.
- Preparar o ambiente para a vivência da experiência com o filme: sala de aula, sala de vídeo, agendamento, equipamentos e a localização do DVD. Não descartar eventuais colaborações de alunos nesta tarefa.
- Criar alternativas para superar a dificuldade do tempo de aula com o tempo do filme, planejando, por exemplo, a atividade em parceria com outros colegas, o que poderá promover, principalmente, o diálogo interdisciplinar entre a linguagem cinematográfica e os conteúdos escolares.
- Explicitar claramente, no próprio plano de trabalho e junto com os alunos, os objetivos previstos para a utilização daquele filme, naquele momento do curso (2009, p. 38 - 9).

Durante a exibição

- Na escola: a atividade com cinema tem um caráter curricular, conseqüentemente, político-pedagógico e cultural. O filme é meio/mídia para propiciar experiências ricas, criativas e críticas nos alunos. Não se trata de entretenimento puro, apesar de também ocorrer. A projeção está sob a regência do processo de ensino e aprendizagem de determinado conhecimento curricular, sabendo, porém, que os resultados podem surpreender já que a linguagem fílmica, assim com as demais linguagens artísticas, oferece possibilidades que fogem do previsível. Elementos como imagens, efeitos sonoros, enquadramentos e outros podem gerar sentidos

e significados inesperados e por isso é importante ficar atento no sentido de captar essas possibilidades e potencializá-las (2009, p. 41).

Após a exibição do filme, sugere-se para o(s) docente(s):

- Conversar sobre as reações da classe em relação ao filme, pois é importante fazer uma leitura global deste e acolher todas e diferentes manifestações apresentadas pelos alunos: apreciações positivas, negativas, indiferentes, pertinentes e impertinentes. É importante que essa atividade seja feita em forma de debate, estimulando a maioria a expressar pensamentos, emoções, reflexões livremente. No entanto, não basta falar sobre as emoções que podem decorrer a partir de uma exibição de filmes. É preciso contemplá-las no processo educacional fazendo com que elas fluam por meio das discussões, do compartilhar experiências, emoções e sentimentos individuais e coletivos. É dando vazão a eles que cada sentimento vai encontrando o caminho para chegar ao seu lugar [...].
- Propor atividades de desdobramentos previstas nos planos de aula (ou não previstas, pois a experiência com o filme pode despertar interesses que demandem alguns reajustes no plano), estimulando o desenvolvimento de múltiplas aprendizagens do tipo atividades de leitura, escrita, pesquisas, discussões, produções artísticas, etc. (2009, p. 42 e 4).

As sugestões apresentadas, por Fusari, sobre o percurso das atividades com filmes no ensino médio, tornam evidente que o texto fílmico requer dos seus receptores procedimentos de informação que antecedem sua exibição, envolvem o momento em que está sendo projetado e, posteriormente, possibilitam resultados produtivos de conhecimento e reflexões se o processo didático-pedagógico apresentar objetivos definidos para realização de uma leitura completa, de natureza histórica e estética do filme analisado.

Nesta linha de raciocínio, Napolitano (2009, p. 11) argumenta que “trabalhar com o cinema (filme) na sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada”. As produções cinematográficas se respaldam em campos que são capazes de sintetizar, numa mesma obra artística, uma variedade de elementos como: os valores sociais, o lazer, a ideologia, dentre outros. Deste modo, é válido mencionar que filmes proporcionam sempre diferentes possibilidades de atividades escolares, todas promotoras da construção crítica dos receptores.

Assim, para Catelli Júnior (2009, p. 55), a utilização da linguagem cinematográfica objetiva “o desenvolvimento de competências e habilidades como: criticar, analisar e interpretar fontes documentais de natureza diversa”. Além do desenvolvimento das habilidades e competências mencionadas pelo autor, o fato de assistir a um filme e analisá-lo, pode levar o aluno, também, ao reconhecimento de diferentes formas de linguagens, de atores sociais e de distintos contextos históricos inseridos em sua produção e significação.

Segundo Ostermann (2006), no uso de filmes como instrumento didático-pedagógico, é necessário observar a linguagem da narrativa e as possibilidades apresentadas por ela na forma como expõe o conteúdo (passado/presente histórico). Neste sentido, a autora argumenta que:

As narrativas dos filmes possibilitam: 1 – situar os fatos na época em que ocorreram; 2 – reconstruir a realidade histórico-social, suas estruturas, como uma totalidade em constante mudança; e 3 – entender o enfoque teórico que orientou a reconstituição do passado e o significado da narrativa para a compreensão do mundo atual, o passado como parte do presente, na perspectiva passado-presente (2006, p. 11).

Duarte (2002, p. 90) menciona que os filmes são instrumentos importantes “para ensinar o respeito aos valores, crenças e visões de mundo que orientam as práticas dos diferentes grupos sociais que integram as sociedades complexas”. Portanto, os filmes podem ser utilizados como uma “porta de acesso” a informações geradoras de conhecimento, que não se esgotam em si mesmas. Assim, as possibilidades do trabalho escolar usando filmes como instrumentos didático-pedagógicos, são múltiplas; cabe ao professor evidenciar os elementos que deseja usar nas atividades a serem desenvolvidas.

Considerações Finais

Santaella (2004), ao definir leitura e tipos de leitores, relata que a leitura pode ser feita utilizando um livro e demais matérias contendo variadas formas textuais: uma imagem, um desenho, uma pintura, uma fotografia, os gráficos, os mapas, os jornais, as revistas, um filme e tantos outros. Assim, chama a atenção para a “multiplicidade de modalidade de leitores” e as possibilidades de leitura que podem ser realizadas em

diferentes espaços. A autora, ainda, observa que há diferentes tipos de leitores e que é importante, no processo do ensino-aprendizagem, identificá-los e potencializá-los na sala de aula e fora dela.

Dentre os tipos de leitores identificados por Santaella (2004, p. 29) e de suma importância para o desenvolvimento do tema deste texto é o leitor “movente/fragmentado: aquele que nasce com o advento do jornal e das multidões nos centros urbanos habitados de signos”. Assim, este tipo de leitor faz uma leitura do “mundo” e da “cidade”, ou seja, do movimento, do dinamismo e das variadas formas sógnicas presentes nos centros urbanos. É um tipo de leitor que nasce em um contexto sócio-histórico, urbano e industrial, pelo contato com o universo audiovisual, em especial a imagem, a fotografia, o cinema/filmes, a televisão e o vídeo, enfim o leitor espectador.

Sobre os procedimentos aplicados na leitura de um filme Kornis (1992), Bittencourt (2009), Catelli Júnior (2009), Napolitano (2009) e os demais teóricos, que embasam as discussões presentes neste texto sobre cinema/educação, relatam que o processo que envolve uma leitura completa de filmes precisa passar pelos seguintes procedimentos: observar a linguagem cinematográfica (os enquadramentos, a montagem, a imagem/som, a fotografia, a estética utilizada), analisar também o conteúdo/temática (roteiro/narrativa e o contexto social, político e ideológico apresentados); relacionar as diferentes formas de linguagem presentes na produção cinematográfica (a interpretação dos atores: as expressões, as falas, os gestos, as vestimentas, as cores, a trilha sonora, a luz, as sombras e outros). Como argumenta Thiel (2009), é na análise dos temas, das imagens, dos diálogos e das técnicas utilizadas na construção de um filme, que o espectador amplia seus conhecimentos.

No processo que envolve o estudo de linguagens, é importante considerar os signos presentes no modelo textual observado, como salientam Peirce (1995) e Bakhtin (1986), para a compreensão da mensagem implícita e explícita do texto em análise. No caso do texto fílmico, faz-se necessário identificar os signos apresentados na narrativa e sua relação com o contexto ideológico e as estratégias utilizadas na constituição e significação do filme assistido.

Eco (1991) argumenta sobre a necessidade de se construir o “leitor ideal” ou “leitor modelo”. Para que essa construção ocorra, é preciso desenvolver um “conjunto de competências” que envolva a leitura de um texto, observando em especial as relações entre texto/leitor/autor/contexto para a identificação da mensagem presente. Neste texto, o processo que envolve a formação do “leitor ideal” volta-se para a leitura de um texto fílmico, que se encontra na categoria de produção artística, constituído de linguagens específicas. Assim, sua leitura precisa levar em consideração o diálogo necessário entre o conteúdo temático e as linguagens produzidas para sua veiculação ideológica, artística e filosófica.

Napolitano (2009, p.14 - 5) declara que “um filme é um ramo da arte que não é um livro, um quadro, uma peça musical ou teatral, embora possa dialogar com esses veículos e linguagens”. Neste sentido, sua leitura necessita da compreensão de alguns mecanismos identificados pelo autor como “linguagem cinematográfica”, afirmando que “é o resultado de escolhas estéticas dos realizadores, sobretudo, do diretor que, além de coordenar todos os técnicos e artistas envolvidos, é o responsável final pelo filme”. Assim, podemos afirmar que na leitura de um texto fílmico, seja ele ficcional ou documental, ela não pode se restringir somente à identificação do tema ou à decodificação literal da legenda (texto verbal). Faz-se necessário ainda, observar a estética utilizada na construção e a sequência ou sua ruptura na apresentação das cenas da história contada no filme: os ângulos, os enquadramentos da câmera, o tipo de interpretação dos atores, a montagem dos planos e a fotografia.

O ato de ler, segundo Trevizan (2002, p. 55) “não é tarefa simples, pois exige do leitor o trabalho sensível e inteligente de desconstrução do texto, ou seja, de reconhecimento dos jogos complexos dos signos” para que possa decifrar os “mecanismos sociais e discursivos de construção da mensagem”.

Neste texto, o modelo textual observado como objeto de ensino foi o filme. O objetivo maior deste estudo foi o de contribuir para o aprimoramento das formas didáticas de construção de leitores completos de filmes, na sala de aula e fora dela, para que, no ato da recepção de um texto fílmico o leitor/espectador consiga observar os diferentes

elementos sígnicos que compõem uma produção cinematográfica e sua funcionalidade na constituição e significação final da mensagem histórica e existencial do mesmo.

Referências

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- CATELLI JUNIOR, R. **Temas e linguagens da história: ferramentas para a sala de aula do ensino médio**. São Paulo: Scipione, 2009.
- DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª ed. 2002.
- ECO, U. **Semiótica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Ática, 1991.
- FRANCO, M. Você sabe o que foi o I.N.C.E.? In: SETTON, M. da G. J. (org.) **A Cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação**. São Paulo: Annablume: USP, 2004.
- FUSARI, J. C. **A Linguagem do cinema no currículo do ensino médio: um recurso para o professor** In: TOZZI, D. (org.) **Cinema no currículo do ensino médio: um recurso para o professor**. Caderno de Cinema do Professor: dois. São Paulo: FDE, 2009b; p.
- KORNIS, Mônica A. **História e Cinema: um debate metodológico**. Estudos Históricos: teoria e História. Rio de Janeiro: FGV, nº 10, 1992, p. 246 – 47.
- LEITE, S. **Cinema brasileiro: das origens à retomada**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.
- NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2009a.
- NAPOLITANO, M. **Cinema: experiência cultural e escolar**. In: TOZZI, D. (org.) caderno de cinema do professor: dois. São Paulo: FDE, 2009b; p.
- OSTERMANN, N. W. **Filmes contam história**. Porto Alegre/RS: Movimento, 2006.
- PEIRCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- SANTAELLA, L. **O Que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço: o perfil do leitor imersivo**. São Paulo: Paullus, 2004.
- SETTON, M. da G. **Mídia e educação**. São Paulo: Contexto, 2010.
- THIEL, G. C.; J. C. **Movie Takes: a magia do cinema na sala de aula**. Curitiba: Aymarará, 2009.

TREVIZAN, Z. **O Leitor e o diálogo dos signos**. São Paulo: Cliper, 2002.

TREVIZAN, Z. **As Malhas do texto: escola, literatura, cinema**. São Paulo: Cliper, 1998.

TREVIZAN, Z.; CREPALDI, L. **Linguagem visual e educação: a arte de ensinar**. In: GEBRAN, R. A. (org.) *Ação docente no cotidiano da sala de aula: práticas e alternativas pedagógicas*. São Paulo: Arte & Ciência, 2009. Cap. 8, p. 167 – 86.

TREVIZAN, Z. **Contribuições da semiótica para a alfabetização do olhar**. In: GEBRAN, R. A. (org.) *Contexto escolar e processo ensino-aprendizagem: ações e interações*. São Paulo: Arte & Ciência, 2004; p. 149 – 64.